

[CINEMA](#)[LITERATURA](#)[MUSICA](#)[TELEVISAO](#)[PENSAMENTOS](#)

busca

Ok

[CINEMA](#)**O sonho roubado**

Por: Fábio Freire



Pretensão é mesmo uma merda. No cinema, então, pode arruinar um projeto. *Os Sonhadores*, mais recente trabalho do diretor Bernardo Bertolucci, não é de todo ruim, mas cai na vala dos filmes de arte que nadam, nadam e morrem na praia. Bertolucci peca ao elevar até a última potência uma história boba e que não merecia todo o esmero. O roteiro simplório e as atuações corretas estão envoltos em uma direção elegante e uma produção esmerada. Mas ao chegar no final do filme, temos a nítida sensação de que o diretor se preocupou demais com a estética da produção e esqueceu de desenvolver sua história.



Os Sonhadores quer ser uma homenagem ao cinema. E quase consegue. Quer ser um filme com fundo político. Mas não chega nem a arranhar as questões que o envolvem. O longa quer ser também um filme sobre a descoberta do amor. Mais uma vez fica na intenção. Se não fosse pelo verniz intelectualóide e pela direção de Bertolucci, a produção seria completamente ignorada. Apenas mais um

filmezinho qualquer sobre um triângulo amoroso que começa bem e vai se esfacelando ao longo da projeção para entulhar as videlocadoras ávidas por novidades semanais.

A história é bem manjada. A diferença está onde e quando se desenrola. Em plena Paris durante o conturbado ano de 1968. Mas isso é um mero detalhe, pouco explorado pelo roteiro covarde, que prefere manter seu foco sobre os três jovens que mantêm uma relação pouco comum. No fim das contas, a efervescência cultural, social e política da época é pouco citada e o triângulo amoroso poderia se passar em qualquer outro lugar sem sofrer grandes consequências. A impressão é que o roteiro usa esse interessante pano de fundo apenas quando se faz necessário, o que denuncia o artificialismo da produção.

Matthew (Michael Pitt) é um americano que está em Paris a estudos. Durante um protesto contra a demissão do criador e diretor da Cinemateca Francesa, Henri Langlois, ele conhece dois irmãos franceses, Isabelle (Eva Green) e Theo (Louis Garrel). Em comum, os três possuem uma paixão sem fim pelo cinema. Matthew se interessa pela liberdade usufruída pelos dois irmãos. Já estes, encontram no americano

alguém ideal para participar de suas brincadeiras sobre cinema e, posteriormente, seus joguinhos sexuais.



Interessante, aqui, acompanhar o desenrolar da relação dos três. O conservadorismo e hipocrisia do americano contrastando com o liberalismo e sinceridade dos franceses. Bertolucci tenta não transformar essa

ATUALIZAÇÕES

[04/02](#) O funk-samba-rock e outras eletronices [*Funk Como Le Gusta - F.C.L.G.*]

[04/02](#) Muito corpo e pouco cérebro [*Elektra*]

[03/02](#) Três em um [*MCM - Ritual Factory*]

[03/02](#) "JotaEsseEsse" e a essência do hard rock [*Jeff Scott Soto*]

[03/02](#) O vôo da Mariposa [*Mariposa (Marcatti)*]

DO MESMO AUTOR

Violência nua e crua [*Narciso*]

Maturidade sob duas rodas [*Diários de Motocicleta*]

Dor de cotovelo desrotulada [*Brilho Eterno de Uma Mente Sem Lembranças*]

Tom Cruise para adultos [*Colateral*]

O caos de uma balzaquiana [*Alanis Morissette - So-Called Caos*]

LEIA TAMBÉM

[21/10/2003](#) Um casamento só para loucos

[17/01/2004](#) Vinícius imortal [*Vinícius de Moraes - Vinícius 90 anos*]

[22/10/2003](#) Indicados - Oscar 2003: Previsões

[19/10/2003](#) Nós temos Literatura sim!

[11/04/2004](#) Correspondência Cinematográfica... [*Quase Famosos*]



dinâmica em um clichê, até atribui uma característica pacifista ao americano (coisa que hoje em dia soa até como uma ironia), mas a idéia derrapa na superficialidade do roteiro e das atuações. Michael Pitt não convence com sua cara de coadjuvante de seriado americano. Eva Green é bela e sensual, mas a infantilidade da personagem joga tudo por terra. Quem se sai melhor é Louis Garrel, dono de um olhar blasé que casa a perfeição com seu papel.

O final forçado e ligeiro atesta a falta de motivação do filme. Até parece que Bertolucci desistiu de sua produção no meio de caminho. A inserção de cenas de clássicos do cinema na narrativa até despertam o interesse. Greta Garbo dá as caras em *Rainha Cristina* (1933). Marlene Dietrich tira sua fantasia de gorila em *Vénus Platinada* (1932). Fred Astaire sapateia em *O Picolino* (1935). Trechos de *Scarface*, de Howard Hawks; *Freaks*, de Tod Browning; e *Bande à part*, de Godard, entre outros, também se mesclam ao desenrolar da história dos três jovens. Mas o recurso se desgasta do meio para o fim e se torna apelativo.

As composições sofisticadas de Bertolucci, no qual abundam espelhos, denunciam que ele ainda é um diretor com talento para manipular a imagem. Mas a sua pretensão transforma *Os Sonhadores* em um filme menor. O próprio diretor soube filmar o rito de passagem da vida adolescente para a adulta com mais propriedade no encantador *Beleza Roubada*. E nem precisou usar como pano de fundo um dos momentos mais fascinantes e conturbados da história do século XX. Bertolucci fica devendo ao Cinema uma homenagem de verdade.



02/02/2005

[Voltar](#)